

ENSINO HÍBRIDO: DESAFIO DA CONTEMPORANEIDADE?

Eder Alonso Castro

Vanessa Coelho

Rosania Soares

Lirek Kalyany Silva de Sousa

Juliana Olinda Martins Pequeno

Jonathan Rosa Moreira

Resumo: O presente artigo aborda o conceito de ensino híbrido levantando algumas questões relativas ao papel do professor e do aluno nesta nova perspectiva metodológica. Contextualiza o ensino híbrido na tendência pedagógica crítico social dos conteúdos com foco na educação superior. Apresenta o conceito de sala de aula invertida e prospecta o papel do professor nesta mudança de paradigma educacional.

Palavras-chave: Ensino Híbrido; Sala de aula invertida; educação superior; metodologias ativas.

Abstract: *This article discusses the concept of hybrid teaching raising some questions concerning the role of teacher and student in this new methodological perspective. Contextualizes the hybrid education in social critical pedagogical trend of the contents focused on higher education. It introduces the concept of inverted classroom and prospects the teacher's role in this change of educational paradigm.*

Keywords: *Hybrid Education; Inverted classroom; higher education; active methodologies.*

Introdução

O presente texto surgiu da necessidade de se discutir o ensino ou educação híbrida no contexto da educação superior. É uma produção coletiva na forma de colaboração espontânea dos participantes do Grupo de Estudos de metodologias Ativas – GEMA, formado por docentes da faculdade Projeção.

O texto motivador desta discussão: *Ensino Híbrido: personalização e tecnologia da educação*, organizado por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani provocou muitas inquietações nos participantes do grupo que expuseram suas angústias e desafios ao lidar com os alunos do ensino superior em sala de aula. As discussões foram bastante ricas o que nos levou a compartilhar aqui algumas reflexões que nos instigam em nossa constante busca de uma educação superior de qualidade ofertada em uma instituição privada, na qual a maioria dos alunos são trabalhadores e frequentam a faculdade no período noturno.

Vale ressaltar que nossos alunos que, em sua maioria, são oriundos de classes sociais menos abastadas e procuram a educação superior por diferentes motivações. Uma das mais fortes e evidentes, na realidade do Distrito Federal, é a busca de um título de nível superior para poder concorrer a uma vaga em concursos públicos. Não podemos deixar de ressaltar aqueles que buscam uma formação rápida que dê colocação no mercado de trabalho de trabalho. Outros que não conseguiram vagas em instituições públicas de educação superior e por isso buscam um curso em uma instituição particular, para não ficarem parados. Alguns

que sempre desejaram fazer um curso superior e não tiveram a oportunidade na idade adequada, assim, depois de ter trabalhado, criado os filhos e até se aposentado procuram um curso superior para realizar um sonho.

Essa diversidade de objetivos é muito presente e efetiva em nossas salas de aulas independentemente dos cursos que ofertamos. Em algumas áreas as disparidades são mais gritantes e em outras menos agressivas, mas salvaguardando as devidas proporções, esta é uma realidade presente nas instituições de ensino superior de nosso país.

Outro elemento híbrido a ser apresentado aqui é a disparidade de idade de nossos alunos, às vezes encontramos em uma sala da educação superior alunos com dezesseis anos, que acabaram de terminar o ensino médio e outros de sessenta e seis anos que não estudam há mais de trinta anos, ou que recentemente fizeram a educação de jovens e adultos e em menos de três anos conseguiram um diploma da educação básica.

O acesso às tecnologias é outro fator preponderante para o a implantação do ensino híbrido. Os alunos e professores precisam familiarizar-se com as tecnologias existentes e desenvolver a capacidade de manipular, interagir e produzir conteúdo dentro do ambiente virtual para que as atividades interativas *on line* tenham sucesso. Temos consciência de que, embora, muitos alunos tenham familiaridade com as novas tecnologia, é preciso que eles sintam a necessidade de utilizá-las voltada para os ambiente educacional. Os professores, por sua vez, precisam estar atentos ao uso das novas tecnologias, se apropriarem destas ferramentas buscando novas formas de lidar com os conteúdos de suas disciplinas a fim de que estejam mais próximos da realidade de uma geração que já nasceu utilizando as novas tecnologias e de outra bastante resistente ao uso delas.

Outro desafio que tem chegado às salas de aula da educação superior diz respeito à inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais. Aqui não nos referimos às necessidades físico-motoras, que são facilmente resolvidas quando a instituição disponibiliza acesso adequado de locomoção em suas dependências. Referimo-nos às necessidades mais complexas tais como alunos surdos, cegos ou com comprometimentos mentais (assim como os comprometimentos de ordem psicológica e cognitiva) que interferem diretamente em sua capacidade de comunicação, aprendizagem e relacionamento social. Nem as instituições, tampouco os professores estão preparados e capacitados para lidarem com estas diferenças que são desafiadoras e bastante complexas. O mesmo ocorre com os colegas de sala que muitas vezes rejeitam a companhia dos diferentes, rotulando e marginalizando-os.

Não dá para negar que os professores sempre sonharam com as salas de aulas homogêneas, nas quais todos os alunos aprendessem em um mesmo tempo e ritmo. Mas a realidade nos apresenta a heterogeneidade.

Este é um dos desafios enfrentados pelos professores em seu dia-a-dia nas salas de aula dos diferentes níveis e modalidades de ensino. Se, por um lado, toda sorte de diversidade deve ser vista pelo professor como fonte de enriquecimento da ação pedagógica, também é verdade que se precisa lançar mão de estratégias especiais para envolver a todos, para evitar que linguagem, metodologia e conteúdo se tornem inatingíveis para os mais jovens ou desinteressantes para os mais velhos. Ai encontra-se nosso desafio: como lidar com a heterogeneidade? Que pressupostos devemos utilizar para conseguir colaborar com a construção do conhecimento de forma a garantir que este estudante que temos hoje na educação superior consiga responder às necessidades de formação para a sociedade do presente e do futuro?

A Faculdade Projeção tem investido na formação continuada de seus professores por acreditar que esta formação pode dirimir os problemas enfrentados em sala de aula, assim como, melhorar o atendimento ao público alvo de nosso trabalho. Vale ressaltar que a heterogeneidade que se apresenta em sala de aula também está presente na constituição do corpo docente.

A Sociologia da Educação e as pesquisas etnográficas têm manifestado que no nível teórico a categoria "professor é uma abstração imaginária homogênea", mas na realidade existem professores/as, caracterizados pela diversidade. Cada professor/a é um indivíduo social e histórico, portanto é necessário reconsiderar a lógica da homogeneidade na formação do professorado, para se pensar processos formativos que deem conta da diversidade "heterogeneidade" na formação continuada. Esta formação deve ser considerada no marco de projetos de grupo, segundo as necessidades dos professores, de forma tal que possibilitem percursos de trabalhos que respeitem a relação dialética do professor/a como indivíduo que tem sua história, suas problemáticas, necessidades, possibilidades, dentro de um coletivo de trabalho profissional. (NUÑEZ; RAMALHO, 2001, p.2)

A conceitualização dos processos formativos à luz de uma nova educação leva-nos a novas buscas. Este é um dos papéis que o grupo de estudos Metodologias Ativas – GEMA tem assumido na Faculdade Projeção ao colocar a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem na perspectiva da construção do conhecimento significativo. Nossa pesquisa passa pela ação docente tendo como um dos eixos a formação continuada respeitando as trajetórias individuais dos sujeitos envolvidos neste processo.

Educação ou ensino Híbrido: a procura de um conceito

Costumeiramente o termo híbrido designa um cruzamento genético entre duas espécies raças, variedades ou gêneros distintos, vegetais ou animais, que geralmente não podem ter descendência. No sentido Figurado o termo "híbrido" é caracterizado por aquilo que foi composto por elementos diferentes. São sinônimos de híbrido os termos: anômalo, antinatural, irregular, mestiço e monstruoso.

Nosso desafio aqui é compreender a relação entre os termos: Híbrido e Educação.

A educação é Híbrida também porque acontece no contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre os ideais afirmados e as práticas efetuadas; muitas das competências socio-emocionais e valores apregoados não são coerentes com o comportamento cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias. (MORAN in BACHIC, TANZI NETO e TREVISANI. 2015. p. 26)

O contexto contraditório no qual a educação está inserida a torna híbrida, misturada e irregular. Isso não se reduz apenas à educação informal, mas também se aplica à educação formal.

São muitos os tipos de misturas que ocorrem no ambiente de educação formal. Na escola, em seus diferentes níveis e modalidades, nos deparamos com saberes, metodologias, desafios e valores das diferentes áreas de conhecimento. Além dessa diversidade, na atualidade, muitas escolas introduzem as novas tecnologias como forma de diversificar as atividades e as

estratégias de ensino integrando as atividades de sala de aula com as digitais e algumas vezes as atividades presenciais com as virtuais.

Ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle dos estudantes sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo. (HORN, Michel B., STAKER, Hearther. 2015. p. 34)

É importante prestarmos atenção no termo “programa educacional formal” para identificar o termo híbrido. Assim, não se pode confundir uma atividade de *game* ou outra situação em que as crianças baixam um aplicativo e jogam (mesmo que esta atividade promova algum tipo de aprendizagem) não podemos denomina-la como ensino híbrido.

De acordo com os autores supracitados, podemos ainda caracterizar como híbrido um currículo escolar que apresente características mais flexíveis, que apresente uma formação básica que se aplica para todos e ao mesmo tempo permita a construção de caminhos personalizados que atenda as necessidades de cada estudante. Existem alguns modelos de cursos que são ofertados nos quais os conteúdos são construídos pelos próprios participantes.

Podemos ainda entender como híbrida a articulação dos processos de ensino e aprendizagem, são conhecidas como educação aberta ou em rede. É realizada por meio da mistura e integração de diversas áreas, composta por profissionais e alunos de diferentes formações e interesses e as atividades ocorrem em espaços e tempos diferenciados.

São muitas as questões que impactam o ensino híbrido, o qual não se reduz a metodologias ativas, o *mix* de presencial e on-line, de sala de aula e outros espaços, mas que mostra que, por um lado, ensinar e aprender nunca foi tão fascinante, pelas inúmeras oportunidades oferecidas, e, por outro, tão frustrante, pelas inúmeras dificuldades em conseguir que todos desenvolvam seu potencial e se mobilizem de verdade para evoluir sempre mais. (BACHIC, TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 29)

Assim, conceituar educação ou ensino híbrido na educação formal não é tarefa fácil. Constatamos hoje instituições escolares que adotam caminhos diversos. Enquanto umas optam por manter o modelo curricular pautado por disciplinas introduzem as metodologias ativas como forma de maior envolvimento dos alunos desenvolvendo o ensino por meio de projetos interdisciplinares. Outras instituições tomam atitudes mais radicais, dispensam as disciplinas, reelaboram os projetos, os espaços e as metodologias fazendo com que cada aluno aprenda de acordo com seu próprio ritmo.

Este movimento para mudança na forma de ensinar das instituições escolares foi detonado pelo fato de o modelo industrial de educação, no qual os estudantes são agrupados em sala de aula se configurar como ineficaz na aprendizagem de crianças e adultos.

Os estudantes de hoje estão entrando num mundo no qual necessitam de um sistema de ensino centrado neles. A aprendizagem centrada no estudante é essencialmente a combinação de duas ideias relacionadas: o ensino

personalizado (que alguns chamam de ensino individualizado) e a aprendizagem baseada em competência (também chamada de “aprendizagem baseada no domínio”, “aprendizagem de domínio”, aprendizagem baseada na proficiência”, ou as vezes, “aprendizagem baseada em padrões”). (HORN; STAKER, 2015, p. 8)

O desafio de implantar a aprendizagem centrada no estudante é fazê-la em larga escala, aqui entra o ensino híbrido. Sua importância está em alimentar o ensino personalizado utilizando-se das ferramentas possíveis, entre elas as novas tecnologias.

Educação tradicional e os conteúdos: Como fazer a passagem da teoria para prática ou vice versa

A educação tradicional envolve a educação em uma redoma, na qual a responsabilidade é única e exclusivamente tarefa do professor e, portanto, este deve ser o detentor do saber e das técnicas de ensinagem, enquanto o aluno acaba assumindo o papel do produto gerado a partir da convivência com os conteúdos e com disciplinas compartmentadas.

Segundo Libâneo (2001), a educação na tendência tradicional caracteriza-se por acentuar o ensino humanístico, os conteúdos, os procedimentos didáticos que não têm relação próxima com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. O que vale é a palavra do professor, as regras impostas e sua base intelectual.

Neste contexto, o ensino se dá por meio da divisão dos conteúdos em disciplinas expostas em uma estrutura curricular na qual não há preocupação com uma visão geral e contextualizada. Esta estrutura de “grade curricular” não promove a responsabilização dos alunos com a sua própria aprendizagem sendo ele responsável somente pelo “mastigar e engolir” o conteúdo de despejado em cada disciplina. A isso Paulo Freire chamou de educação bancária.

Na atualidade a educação tradicional tem encontrado resistências. As relações sociais mudaram alunos e professores também. A educação tradicional se fortaleceu com o advento do livro didático, antes o conhecimento estava confinado nos livros e no saber do professor, hoje temos milhões de possibilidades de acesso ao conhecimento. As tecnologias avançaram principalmente com foco nas comunicações.

Com os novos meios de comunicação e de acesso à informação a educação se transformou, os processos educativos tomaram novos rumos. Esse contexto está exigindo que educação escolar seja retirada da redoma protegida do processo de ensino-aprendizagem tradicional. Hoje exige-se que as portas da escola se abram às novas formas de acesso a informação, o que provoca mudanças nas relações e nos papéis exercidos pelos professores e alunos.

Por mais que os professores resistam, as tecnologias avançam para os meios escolares, ou acadêmicos. Assim, tanto os alunos quanto os professores passam a fazer parte deste novo contexto de aprendizagem. Não se pode negar que é uma forma de aprendizagem interativa onde o desafio está em como filtrar o excesso de informações e o que fazer com elas. Neste contexto a responsabilidade com o processo de ensino e aprendizagem passa a ser dividida igualmente.

Percebemos então que essa própria evolução de contexto levou a educação a sofrer suas próprias mutações, passando da tradicional à renovada e como lembra ainda Libâneo (2001, p.7):

A escola renovada propõe um ensino que valoriza a autoeducação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo. A tendência liberal renovada apresenta-se, entre nós, em duas versões distintas: a renovada progressivista ou, pragmática, principalmente na forma difundida pelos pioneiros da educação nova, entre os quais se destaca Anísio Teixeira (deve-se destacar, também, a influência de MONTESSORI, DECROLY e, de certa forma, PIAGET); a renovada não-diretiva, orientada para os objetivos de auto-realização (desenvolvimento pessoal) e para as relações interpessoais, na formulação do psicólogo norte-americano CARL ROGERS.

Nosso foco aqui está na educação renovada progressivista que compreende o aluno como sujeito da aprendizagem. O aluno passa a ser visto como o principal ator no processo de construção do conhecimento e o professor torna-se o mediador das condições necessárias para que a aprendizagem seja construída.

Devemos, ainda, acrescentar à educação renovada outros dois conceitos importantes nas tendências pedagógicas que são os da pedagogia libertadora e da pedagogia crítico social dos conteúdos. A primeira tem como seu maior expoente Paulo Freire que elabora uma teoria educacional calcada na alfabetização de adultos. Tem como pano de fundo o pensamento crítico e a formação política do cidadão, assim, se utiliza de métodos de discussão, estudo de caso, pesquisa participante e trabalhos em grupos. O pensamento libertador se afasta da educação renovada quando propõe a formação de homens capazes de refletir sobre sua própria realidade visando mudanças estruturais na sociedade. A pedagogia Libertadora não formulou métodos de ensino, parte do princípio de que na relação educador educando ambos aprendem e ambos ensinam, prevê um processo de democratização que se inicia na sala de aula e vai para além do espaço pedagógico.

O segundo conceito, o da pedagogia Crítico Social dos Conteúdos, como o próprio nome já diz esta corrente se apoia nos conteúdos construídos pela cultura universal trazendo as experiências dos alunos como ponto de partida. O papel do professor é mediar as experiências dos discentes e os conteúdos. De acordo com Libâneo (2001) esta tendência valoriza o conhecimento como forma de crítica e possibilidade de superação dos modelos impostos pela sociedade. Neste pressuposto, aprender é desenvolver habilidade para processar informações.

Compreendemos que a educação superior pode sintetizar estas tendências proporcionando a aprendizagem significativa.

O conceito central da teoria de Ausubel é o de **aprendizagem significativa**, um processo pelo qual uma nova informação se relaciona, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do indivíduo. Neste processo a nova informação **interage** com a estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel chama de “conceito subsençor” ou, simplesmente “subsençor”, existente na cultura de quem aprende. (MOREIRA, 2006, p. 8)

De acordo com Ausubel (2003), para que a aprendizagem ocorra é preciso que o conteúdo a ser aprendido seja potencialmente significativo. Quando o conhecimento é significativo é retido e lembrado por mais tempo, esta forma de aprendizagem aumenta a

capacidade de aprender outros conteúdos e quando o conteúdo aprendido for esquecido esta aprendizagem facilita a reaprendizagem. Portanto aqui está o desafio do professor: transformar os conteúdos de suas disciplinas em saberes significativos para seus alunos.

Percebemos, então, que a implementação da educação híbrida pode ser um bom exercício de ampliação de possibilidades para que um maior número de alunos possa tornar significativo determinado conteúdo. Quando exploramos várias possibilidades, metodologias e estratégias, proporcionamos a autoeducação, o autodesenvolvimento e a auto realização de nossos estudantes. Cada uma destas possibilidades podem ser realizadas com estratégias próprias nas quais as diversas possibilidades podem ser testadas, como exemplos desta variedade podemos citar: estudo dirigido; aula expositiva dialogada; trabalhos em grupo; uso de softwares educativos (jogos, hipertextos, produção de texto interativo); uso de mídias (filmes documentários); trabalhos individuais com autocorreção; etc.

Angústias dos professores: Como envolver os alunos que temos em sala de aula?

Alunos e professores, na prática da educação tradicional, são dois personagens ou atores que ocupam espaços definidos, em atuações distintas e, neste sentido, a aprendizagem é um ato receptivo, passivo e mecânico. Quando falamos em metodologias ativas, o primeiro passo é desconstruir tal ideia e colocarmos os dois como sujeitos de um processo complexo de construção do conhecimento. Ambos estão em busca de construir aprendizagens, independente da posição que ocupam no processo, não importa se são mestres ou aprendizes, aluno ou professor, docente ou discente, educador ou educando. Isso também é pensar no hibridismo de papéis.

A transformação do professor como orientador ou mediador no processo de construção do projeto pessoal de cada estudante incide, ferozmente, sobre o papel do docente – que já não mais detém, soberanamente, a informação. Portanto, não é o responsável por ensinar tudo, pois sua formação nunca é totalizada. Isto requer a formação continuada e a busca constante de conhecimentos, seja na investigação e aprimoramento do conhecimentos seja na troca com seus estudantes. A formação docente é cambiante.

Nosso estudante real é aquele que vem de diferentes realidades e variadas formações culturais, sociais, econômicas e educativas, portanto é híbrido. Nossa sala de aula é a mistura destas diferentes realidades, portanto nossas aulas não podem ser de outra forma se não híbridas. Nossa angústia é atingir a todos de forma que os saberes necessários sejam apreendidos e possíveis de serem aplicados na vida diária. Mas isso não é tarefa fácil. Nossa dificuldade está na transposição didática, na transformação dos saberes em objetos de interesse de nossos estudantes.

Das propostas de metodologias ativas aplicadas ao ensino superior, Masur (2015), levanta possibilidades de aprendizado significativo onde o professor assume o papel de mediador através do direcionamento de conteúdos que possibilitem a fixação ou por problematização que estimula a transposição dos conteúdos para as situações reais. O autor afirma que a problematização é a melhor forma de desafiar o estudante a se interessar por um conteúdo. Quando propomos um desafio para que o estudante desenvolva um projeto ele acaba utilizando os saberes e conteúdos de nossas disciplinas. É preciso muita sensibilidade, criatividade e conhecimento técnico para chegarmos a este patamar. Isto requer muito estudo e troca de experiências para que possamos chegar à excelência da prática docente.

Compete ao professor também, identificar as melhores técnicas, recursos e metodologias a serem utilizadas dentro do contexto da formação do seu aluno. Dentro de um currículo com vastas possibilidades teóricas e práticas, em áreas de conhecimentos tão distintas, a sensibilidade do professor para as demandas dos seus alunos será fator determinante para o sucesso dessa mudança de paradigmas.

Não existem receitas prontas, precisamos criar nossas formas de problematizar adaptando-as a cada disciplina nível de ensino e público alvo. A troca entre os pares é que dará maior capacidade de aprimoramento de nossas práticas. Devemos sair de nosso mundinho, nossa sala de aula, e nos abriremos para nossos pares trocar experiências nos fará mais aptos a novas criações e novas implementações.

Angústia dos alunos: Que aula é essa que eu é que tenho que fazer tudo?

Para muitos alunos, a inserção de metodologias ativas muitas vezes não é vista como forma de aprendizagem os alunos entendem que o professor não esteja cumprindo o seu papel, que seria o de “dar aula”. Os alunos tem a percepção de que os professores estão “enrolando” e que eles é precisam fazer tudo em sala de aula.

Essa perspectiva inicial é esperada na mudança de paradigmas. A partir das práticas pedagógicas mediadas por tecnologias e seu uso constante, o aluno tornar-se sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem e a mudança de foco da tecnologia para a atividade será um processo natural.

Outro aspecto relevante está na mudança na mudança do papel do aluno nesse modelo. Alunos que estavam acostumados ao comportamento passivo durante as aulas agora precisam emergir da zona de conforto para antecipar-se aos conteúdos que serão ministrados durante a aula. A metodologia ativa exige uma preparação para aula, a antecipação dos conteúdos a ser tratado para que haja melhor aproveitamento das atividades em sala de aula.

Para que se tenha um avanço nas metodologias ativas aplicadas em sala de aula é preciso ficar claro para o aluno o objetivo da atividade e, ao mesmo tempo, o professor tem que estabelecer uma relação entre a realidade do aluno e o assunto estudado. Quando o aos alunos entendem o porquê de determinada atividade é possível quebrar a percepção de que o professor está “enrolando”.

Segundo Freire (2002), o aprendizado acontece quando o educando é levado a compreender o que ocorre ao seu redor, a fazer suas próprias conexões e a construir um conhecimento que faça sentido para a sua vida. Ou seja, quando o aprendizado é significativo. Sendo assim, uma forma de diminuir a angústia, provocada pelas metodologias Ativas é trazer a realidade de vida para dentro da sala de aula.

Por se tratar de uma inovação que transforma o modelo educacional tradicional, modelo de ensino que os estudantes estão acostumados, as metodologias ativas devem ser introduzidas de forma cuidadosa. Provocando nos educandos a consciência de que o conhecimento não é transferido, mas construído de forma gradual e significativa. Desta forma a metodologia não pode ser um elemento dificultador da aprendizagem, pelo contrário, seu objetivo é mediar e facilitar a construção de conhecimentos.

Quando o aluno apropria-se desses recursos para a sua formação, ele poderá vivenciar experiências reais ainda no decorrer de sua formação, desenvolver competência criativa e tornar-se sujeito proativo, o que permitirá melhor preparação para a vida e sua escolha profissional. A competência de aprender a aprender permitirá que esse aluno seja sujeito ativo, com propriedade da sua área de formação e capaz de interagir, questionar solucionar problemas do seu cotidiano de forma eficiente.

Responsabilidade docente para inversão da sala de aula

Nas salas de aula tradicionais o professor, na maioria das vezes faz uma exposição do conteúdo e na sequência coloca os alunos para exercitarem, por meio da repetição até fixarem o conhecimento aprendido. Não podemos negar que este método foi eficiente por muitos séculos e tem suas vantagens e histórias de sucesso. Inclusive, muitos de nós somos oriundos deste modelo educacional e estamos aqui buscando novas alternativas.

O conceito de sala de aula invertida é relativamente novo e ainda pouco discutido no Brasil. Tem sido debatido principalmente na educação de adultos em cursos universitários, mas enfrenta muitas resistência em virtude de não ser uma discussão dos autores renomados da pedagogia.

O conceito de sala de aula invertida não foi desenvolvido e articulado por Salman Khan, pesquisadores já estudam o método desde 1990, no entanto foi em 2007 que o conceito de sala de aula invertida se popularizou com os professores como Karl Fisch e Jon Bergman/Aaron Sams que começaram a gravar vídeos e criar Power Point com voz e animação e disponibilizar na internet para os alunos que faltavam.

Neste modelo o professor cria a sua aula em vídeos e/ou outros formatos tais como podcasts, blogs, utilizando as seguintes ferramentas: Google Drive, Dropbox, Facebook, Twitter, Youtube, Slideshare, sites Wiki e os alunos acessam em casa, na hora que desejarem, e quantas vezes quiserem. (SOSPROFESSOR, 2015)

A experiência que nasceu da necessidade de possibilitar aos estudantes ausentes uma forma de ter acesso ao conteúdo passou a ser utilizada como método de ensino. Percebeu-se que o tempo que era utilizado na sala de aula para explanação dos conteúdos poderia ser aproveitado no acompanhamento do entendimento e na fixação daquele conhecimento. Assim acontece a inversão, o que era feito na sala de aula virou vídeo que pode ser acessado em casa no momento em que o estudante preferir e as atividades de realização de exercícios, trabalhos em grupos e resolução de problemas que eram feitos em casa passaram a serem realizadas nas salas de aulas.

Julie Schell (2015) apresenta vários mitos sobre sala de aula investida no qual discute:

Salas de Aula Invertidas podem se valer da disponibilização de aulas expositivas em vídeos online e fazer com que os estudantes realizem o “trabalho de casa” em aula, porém elas podem, e devem, ser muito mais que isso. Métodos baseados em pesquisa em ensino para inverter sua aula incluem o Ensino sob Medida (Just-in-time Teaching) e a Instrução pelos Colegas (Peer Instruction).

Assim não podemos reduzir a sala de aula invertida a apenas uma alteração. É preciso ir além daquilo que está anunciado no primeiro conceito aqui proposto. O complemento na inversão da sala de aula ocorre com adoção, nos momentos de sala de aula, de metodologias desafiadoras como as apresentadas na citação.

Outra questão que Schel (2015) aborda está relacionada a como adotar este método da sala de aula invertida. Muitas vezes queremos fazer uma revolução total e isso pode causar estranhamento nos alunos, por isso se faz necessário que tenhamos cautela na introdução de novos métodos. É preciso respeitar a cultura local os hábitos da comunidade escolar e implantar gradativamente as ações de sala de aula invertida para que possamos obter sucesso na implantação desta metodologia. Como já salientamos acima embora os estudantes se sintam entediados com as aulas expositivas, muitos ainda vão reivindicá-las.

É preciso que pesquisemos sobre as diferentes formas de fazer a inversão da sala de aula, não basta apenas fazer as gravações de aulas.

De acordo com Bergmann e Sams 2012, existem diversas maneiras de inverter uma aula e não apenas uma. Bergmann recentemente postou sua definição aqui. Ele ratifica “veja, não há apenas uma maneira de inverter uma aula e é nisso que reside um dos pontos fortes desta metodologia.” A Instrução pelos Colegas é, sem dúvidas, nossa maneira favorita de inverter a sala de aula. Entretanto, nos também somos grandes fãs da metodologia ensino baseadas no trabalho em grupo (team-based learning) e no desenvolvimento de projetos (Project-based learning). (SCHELL, 2015, p. 1)

Não podemos pensar que as salas de aulas invertidas substituem os professores por computadores. Os professores são essenciais e realizam tarefas muito semelhantes às que faziam no outros métodos de ensino, tais como auxiliar a aprendizagem dos estudantes, selecionar conteúdos e avaliar o desempenho dos estudantes. A diferença mais importante é que em uma sala de aula invertida as competências do professor são aproveitadas de outras formas, dentro e fora do ambiente escolar.

A aprendizagem invertida opera a partir do pressuposto de que a cobertura de conteúdo ocorre principalmente fora da sala de aula e deve ser uma tarefa compartilhada com os alunos ao invés de um trabalho exclusivo do professor. (SCHELL, 2015, p. 1)

Um dos problemas que poderemos enfrentar é a resistência dos estudantes em trabalhar fora de sala de aula, mesmo que esta atividade seja valendo nota. É preciso investigar melhor este ponto este é um de nossos desafios. Por questões culturais acreditamos que isso vá acontecer, principalmente, em nossos cursos superiores. Mas ainda não temos dados comprovados que afirme ou comprove o contrário disso.

Considerações Finais

Este estudo foi importante pelo fato de esclarecer alguns conceitos que até então estavam nebulosos. O primeiro deles é o conceito de ensino híbrido que ainda fica a dúvida se este realmente é o conceito mais apropriado para definir esta prática de adotar mais de uma metodologia em um mesmo sistema de ensino.

O que nos deixou implicado como o termo híbrido é que aquilo que é híbrido não se prolifera, ou seja, não se reproduz. E nos incomoda dizer que uma educação que se utiliza de diversos instrumentos não se reproduzirá. É claro que queremos aqui dar noutro sentido para palavra reprodução, não aquele de repetição em séria, mas a de transformação e novas criações. Mas este tema tem que ser explorado em outro texto, pois esta reflexão demanda um debate maior a este respeito.

Para que haja a possibilidade de implantação do ensino híbrido é preciso quebrar as barreiras internas do ensino tradicional. É preciso ser cauteloso para que não vire um modismo que se esvazia quando não há consistência teoria que o sustente. Precisamos incentivar os docentes a fazer as experiências de sala de aula invertida e juntamente com isso investigar as reações e os resultados destas ações.

Referências

AUSUBEL, David Paul. Aquisição e retenção de Conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Pântano. 2003.

BACHIC, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org). **Ensino Híbrido: personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra? Reflexões sobre fracasso escolar e avaliação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Michel B.; STAKER, Hearther. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Edições Loyola: São Paulo, 2001.

MAZUR, Eric. **Peer Instruction: a revolução da aprendizagem ativa**. Porto Alegre: Penso. 2015.

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da Aprendizagem Significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: editora UNB. 2006.

NUÑEZ, Isauro Beltrán; RAMALHO, Betânia Leite. A Pesquisa-Ação como Estratégia de Formação Continuada de Professores: Uma Perspectiva de Atenção À Heterogeneidade. Natal. 2001. AFIRSE. Disponível em: <http://www.afirse.com/archives/cd3/tematica3/035.pdf>. Acessado em 18/09/2015.

PERRENOUD, P. Formação Continuada e Obrigatoriedade de Competência na Profissão do Professor. Fundação para o desenvolvimento da Educação. São Paulo. **Sistema de Avaliação Educacional**, nº 30, p. 205-248, 2000.

SCHELL, Julie. Sete Mitos sobre sala de aula invertida. Disponível em: <http://blog.peerinstruction.net/7-mitos-sobre-a-sala-de-aula-invertida-desmitificados/> consulta realizada em 30/10/2015.

SOSPROFESSOR. **Sala de Aula Invertida.** Disponível em <http://www.sosprofessor.com.br/blog/sala-de-aula-invertida/> consulta realizada em 30/10/2015.